

REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS DO CORPO POLÍTICO TRANSVESTIGÊNERE EM PRÁTICAS MIDIÁTICAS DIGITAIS BRASILEIRAS

LAS REPRESENTACIONES SOCIO-DISCURSIVAS DE DEL CUERPO/DISCURSO POLÍTICO TRANSVESTIGENERE EN LAS PRÁCTICAS MEDIÁTICAS DIGITALES BRASILEÑAS

THE SOCIODISCURSIVE REPRESENTATIONS OF THE TRANSVESTIGENDER POLITICAL BODY/DISCURSE IN BRAZILIAN DIGITAL MEDIA PRACTICES

Marcelo Rodrigues de Lima (SME-Viçosa-MG)
marcelorlima@outlook.com.br

Maria Carmen Aires Gomes (UFV)
mcgomes@ufv.br

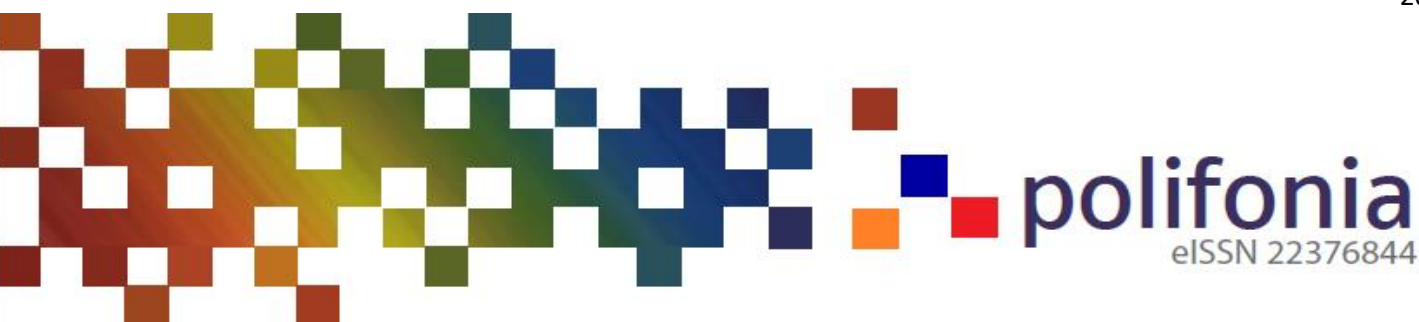
Resumo

Neste artigo, analisaremos as representações sociodiscursivas da ativista transvestigênera Luana Muniz em práticas midiáticas digitais brasileiras. Com base na teoria-metodológica da análise de discurso crítica faircloughiana, nosso objetivo é investigar as representações do corpo/discurso político transvestigênera nas práticas midiáticas, a partir do processo de recontextualização de um evento social. Compõem o corpus, 46 notícias publicadas entre 15 de dezembro de 2015 e 6 de maio de 2017. Como ferramentas analíticas, mobilizamos as categorias linguístico-discursivas: recontextualização, representação dos agentes sociais e intertextualidade; as categorias sociais: corpo e identidade de gênero; e as categorias midiáticas: midiatização e visibilidade. A partir da análise, constatamos que, no processo de recontextualização, as práticas midiáticas escolhem incluir/excluir elementos do evento social primário de acordo com os propósitos comunicativos e com os discursos particulares das Instituições às quais estão associadas. O corpo/discurso transvestigênera de Luana Muniz é representado a partir da relação social com um corpo/discurso cisheteronormativo. Apesar do capital de visibilidade conquistado por Luana na Lapa, o corpo/discurso transvestigênera é discursivamente invisibilizado, por escolhas como, por exemplo, a não inclusão da voz e da trajetória de vida da ativista.

Palavras-chave: discurso midiático, corpo/discurso transvestigênera, recontextualização.

Resumen

En este artículo, analizaremos las representaciones socio-discursivas de la activista transvestigenera Luana Muniz en prácticas mediáticas digitales brasileñas. Apoyados en la teoría-metodológica del análisis del discurso crítico faircloughiana, nuestro objetivo es investigar las representaciones del cuerpo/discurso político transvestigenera en las prácticas mediáticas, a partir del proceso de recontextualización de un evento social. El corpus es compuesto por 46 noticias publicadas entre 15 de diciembre de 2015 y 6 de mayo de 2017. Como herramientas analíticas, movilizamos las categorías lingüístico-discursivas: recontextualización, representación de los agentes sociales e



intertextualidad; las categorías sociales: cuerpo e identidad de género; y las categorías mediáticas: mediatización y visibilidad. A partir del análisis, constatamos que, en el proceso de recontextualización, las prácticas mediáticas eligen incluir/excluir elementos del evento social primario de acuerdo con los propósitos comunicativos y con los discursos particulares de las Instituciones a las que están asociadas. El cuerpo/discurso transvestigenero de Luana Muniz es representado a partir de la relación social con un cuerpo/discurso “cisheteronormativo”. A pesar del capital de visibilidad conquistado por Luana en Lapa, el cuerpo/discurso transvestigenero es discursivamente invisibilizado por elecciones como, por ejemplo, la exclusión de la voz y de la trayectoria de vida de la activista.

Palabras-clave: discurso mediático, cuerpo/discurso transvestigenero, recontextualización.

Abstract

In this article, we will analyze the sociodiscursive representations of the transvestigender activist Luana Muniz in Brazilian digital media practices. Based on the methodological theory of faircloughian critical discourse analysis, our objective is to investigate the representations of the transvestigender political body/discourse in media practices, from the recontextualization process of a social event. The corpus comprises 46 news published between 15 December 2015 and 6 May 2017. As analytical tools, we mobilize the linguistic-discursive categories: recontextualization, representation of social agents and intertextuality; social categories: body and gender identity; and the media categories: mediatization and visibility. From the analysis, we found that, in the recontextualization process, media practices choose to include/exclude elements of the primary social event according to the communicative purposes and the particular speeches of the Institutions with which they are associated. Luana Muniz's transvestigender body/discourse is represented from the social relationship with a cis-heteronormative body/discourse. Despite the visibility capital conquered by Luana in Lapa, the transvestigender body/discourse is discursively invisible, due to choices, such as the non-inclusion of the activist's voice and life path.

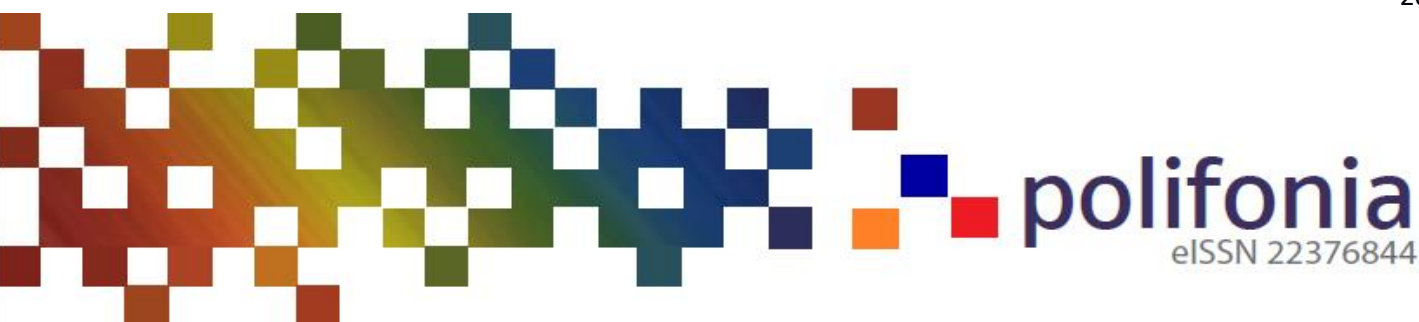
Keywords: media discourse, transvestigender body/discourse, recontextualization.

1. Considerações iniciais

Neste artigo, investigamos as representações do corpo/discurso político transvestigêner¹ nas práticas midiáticas jornalísticas brasileiras, a partir da publicização midiática da ativista travesti Luana Muniz. Com base na teoria-metodológica da Análise de Discurso Crítica de vertente anglo-saxã (FAIRCLOUGH, 1992; 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), analisamos 46 textos midiáticos que repercutiram o encontro entre a ativista Luana Muniz e o pe. Fábio de Melo.

¹ Por posicionamento político, escolhemos o léxico “transvestigêner” para fazer menção aos corpos/discursos de travestis e transexuais. Esse termo foi criado pela ativista transvestigêner Indianare Siqueira em uma conversa de botequim na Lapa com a militante transvestigêner Erika Hilton. Segundo Érika, em entrevista ao blog NLucon, “as palavras ‘travesti’ e ‘transexual’ foram dadas por pessoas cisgêneras dentro de categorias e concepções determinadas também pelas pessoas cis. A palavra transexual, por exemplo, foi dada pela equipe médica com o viés da patologia. [...] o objetivo de “transvestigeneres” é de obter outros significados acerca das identidades trans e abarcar outras vivências,

bem como das pessoas não-binárias, gênero neutro, intersexo”. Disponível em: <https://nlucon.com/2018/01/24/chega-de-desconstruir-e-hora-de-colocar-em-pratica-diz-erika-hilton-em-mesa-sobre-identidades-trans-e-negritude/>. Acesso em: 27 de ago. 2018.



Apresentamos, portanto, um recorte das análises e explicações desenvolvidas na pesquisa de Mestrado²³ intitulada “A Rainha da Lapa e o padre: uma análise discursivo-crítica das representações sociodiscursivas de Luana Muniz nas práticas midiáticas digitais brasileiras”, desenvolvida no Programa de Graduação em Letras, da Universidade Federal de Viçosa. Essa pesquisa integra as produções acadêmicas do grupo de pesquisa AFECTO – Abordagens Faircloughianas para Estudos sobre Corpo/discurso Textualmente Orientado –, coordenado pela prof.^a Dra. Maria Carmen Aires Gomes, sobre Corpo, Discurso e Gênero: (GOMES, 2013, 2014a, 2014b, 2015, 2016, 2020a, 2020b; GOMES; GOMES, 2015; LIMA; MACHADO; GOMES, 2017; LIMA, 2019a, 2019b, 2020a; 2020b; PESSOA, 2015; SOUZA, 2017; RIBEIRO, 2020a, 2020b).

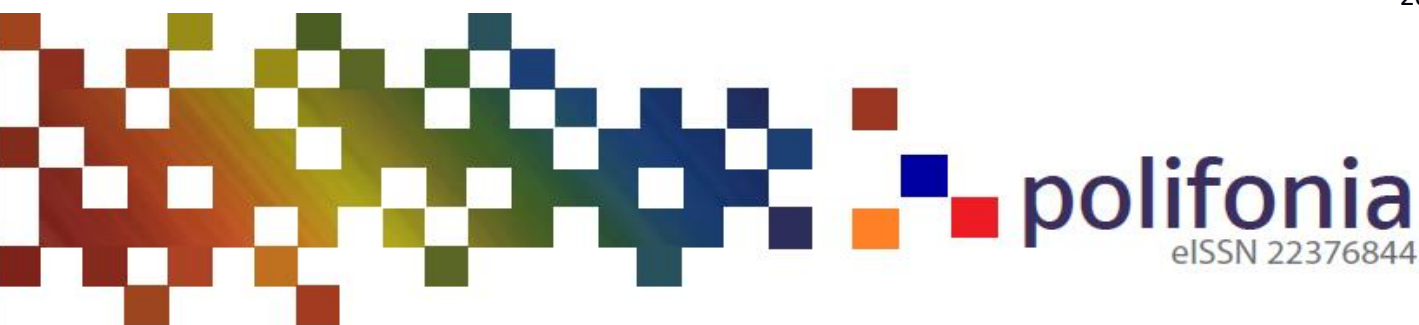
As pesquisas desenvolvidas na vertente discursivo-crítica aqui citadas partem de um problema social, relacionado ao discurso, em alguma parte da vida social. Considerando que ainda há obstáculos a serem vencidos em relação às representações dos corpos/discursos transvestigêneres nas práticas midiáticas digitais brasileiras, compreendemos que uma análise discursivo-crítica possibilita investigar essa problemática social e desvelar a faceta discursiva das mudanças sociais e culturais contemporâneas. Wodak (2004) enfatiza que a linguagem das práticas midiáticas de massa constitui-se como um campo de poder e de lutas. Ademais, essas práticas midiáticas contribuem para a iteração/manutenção de discursos sobre as identidades transvestigêneres. Dessa forma, investigar os discursos das práticas midiáticas que representam os corpos/discursos transvestigêneres pode contribuir com significativas mudanças discursivas que, por sua vez, implicam em mudanças sociais.

Apoiamo-nos também nas teorias sociais de Estudos de Gênero (BENTO, 2006, 2008, 2017; BUTLER, 2003 [1990]; CONELL; PEARSE, 2015; PRECIADO, 2014) e nas teorias da Comunicação (LANA, 2014; ROJEK, 2008). Adotamos como ferramentas analíticas: as categorias linguístico-discursivas: recontextualização, representação dos agentes sociais e intertextualidade; as categorias sociais: corpo e identidade de gênero; e as categorias midiáticas: midiatização e visibilidade.

Nosso objetivo é analisar como as mídias representaram o corpo/discurso transvestigêneres a partir do processo de recontextualização nas plataformas digitais. Interessamos: como o corpo/discurso de Luana Muniz é representado? Quais elementos do evento social foram incluídos/excluídos no processo de recontextualização? Quais vozes são postas em

² A pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Texto adaptado, modificado e ampliado para publicação no formato artigo, com colaboração da prof.^a Dra. Maria Carmen Aires Gomes.



proeminência? Quais ordens discursivas são mobilizadas para construir discursivamente o corpo transvestigênera? Quais os status de celebridade atribuídos à Luana Muniz?

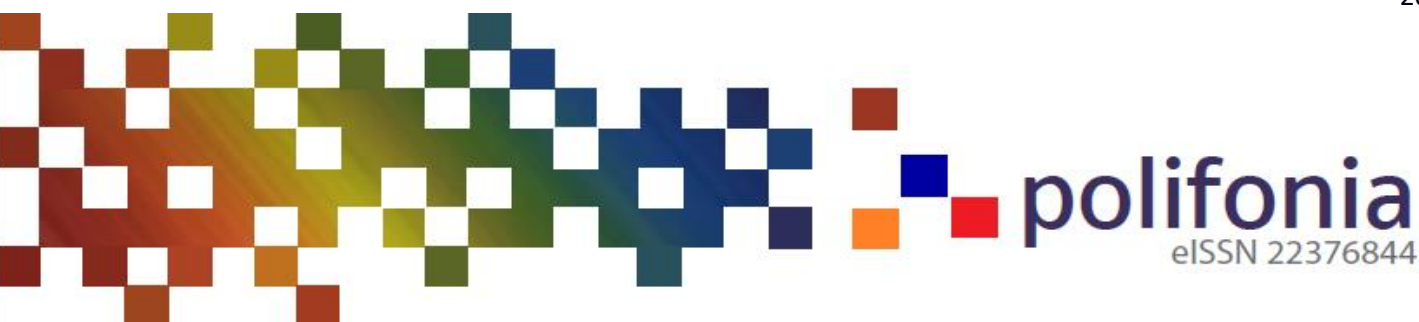
Na próxima seção, apresentamos o conceito de recontextualização e como ele se aplica ao evento sociodiscursivo em análise: relação social publicizada entre Luana Muniz e pe. Fábio de Melo. Na terceira seção, analisamos como Luana Muniz foi incluída e como foi representada nas práticas midiáticas digitais brasileiras. Por fim, tecemos algumas reflexões.

2. Recontextualização do Evento Sociodiscursivo

Nos estudos discursivos críticos de vertente anglo-saxã, compreendemos o discurso como um dos momentos das práticas sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Essas práticas são formadas na articulação entre discurso e outros elementos sociais – como a atividade material, o fenômeno mental e as relações sociais. Nessa perspectiva, o texto é tomado como um importante objeto empírico de pesquisa. Parte-se do material linguístico para buscar conexões entre o discurso e os aspectos sociais. Como pontua Magalhães (2017, p. 584), os textos devem ser compreendidos em relação às práticas sociais e aos discursos particulares em que se situam, pois é no contexto que podem atuar.

Ao representar um evento social, por meio do discurso, este é incorporado ao contexto de outro evento social (FAIRCLOUGH, 2003, p. 139-140) – por exemplo, um evento social cotidiano pode ser incorporado a um evento social midiático. Os eventos sociais mobilizam diferentes elementos, incluindo: formas de ação, pessoas, relações sociais/formas institucionais, objetos, meios, tempos/espços e linguagem. No processo de recontextualização, há uma filtragem dos elementos de acordo com os propósitos comunicativos da agência produtora do texto.

Em nossa pesquisa, ao analisar as representações sociodiscursivas de Luana Muniz nas práticas midiáticas brasileiras, no período de 2010 a 2017, concluímos que em quase totalidade das matérias jornalísticas produzidas, para representar a ativista carioca, a Mídia partiu da relação social entre Luana Muniz e pe. Fábio de Melo, a partir do evento social específico: encontro presencial na quadra da Mangueira, em virtude do aniversário da cantora Alcione, em novembro de 2015. Na ocasião, Luana e pe. Fábio foram fotografados juntos. O encontro foi publicizado, primeiramente, pelo sacerdote Fábio, em uma pregação proferida em dezembro de 2015, ao participar do acampamento católico Hosana Brasil. Em seguida, essa narrativa-



pregação⁴, produzida em uma prática social religiosa particular, circulou por meio da recontextualização em práticas sociais midiáticas. No recorte do *corpus* apresentado, analisamos os textos publicados entre 15 de dezembro de 2015 a 6 de maio de 2017 – data do falecimento de Luana Muniz, decorrente de problemas respiratórios.

Figura 1- Recorte do corpus analisado neste artigo



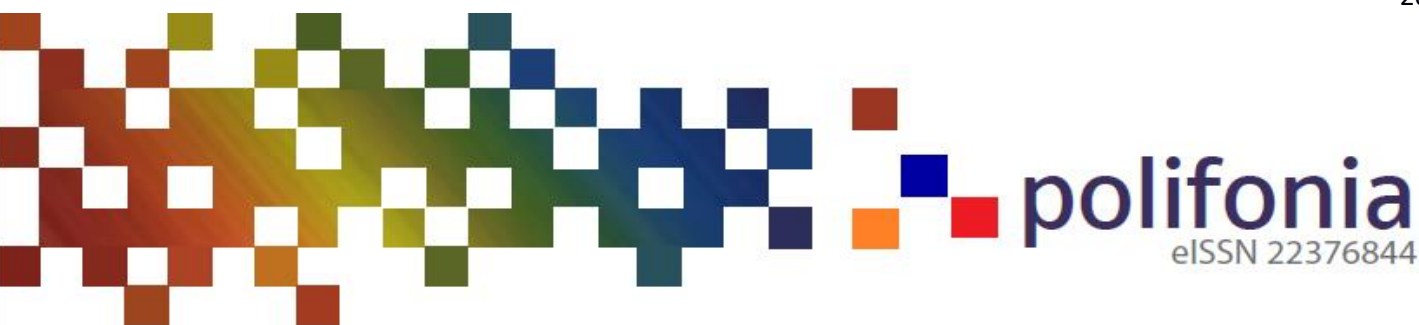
Fonte: LIMA, 2019a, p. 62.

O *corpus* desse artigo foi constituído por 46 matérias publicadas em ambiente digital por práticas midiáticas distintas. Foram incluídas práticas midiáticas hegemônicas (como *O Dia*, *Extra*, *EGO*), práticas midiativistas (como *NLucon*, *Catraca Livre*, *A Coisa Toda*), práticas midiáticas regionais (como *O Sul*, *Correio da Amazônia*), práticas midiáticas religiosas (como *Prime Gospel*, *Nossa Senhora Cuida de Mim*) – formando um *corpus* de análise amplo e heterogêneo. A coleta dos textos se deu a partir do descritor “Luana Muniz” pela ferramenta de busca *Google*. Fizemos uma primeira leitura de todas as matérias retornadas pelo buscador. Em seguida, priorizando a data de publicação, descartamos os textos que apenas reproduziam na íntegra o texto de práticas midiáticas já selecionadas. A metodologia detalhada da constituição do *corpus* pode ser consultada em LIMA (2019a, p. 32-40)

Luana Muniz, corpo/discurso político, existência e resistência, foi importante agente na discussão de pautas importantes para a comunidade transvestigênera. Ademais, foi imprescindível interlocutora entre esta população e a sociedade em geral. Conhecida como “Rainha da Lapa⁵”, no cenário carioca, fundou a Associação dos Profissionais do Sexo do

⁴ Análise da pregação do pe. Fábio de Melo está disponível em: LIMA, 2020a.

⁵ A Lapa é um bairro, na região central do Rio de Janeiro, conhecido por ser “o berço da boemia carioca”. Famosa pelo estilo de vida noturno, pelos tradicionais bares, casas noturnas e rodas de samba ao ar livre sob os Arcos da



Gênero Travesti, Transexual e Transformistas do Rio de Janeiro (AGENTTLES). Em seu famoso “Casarão Rosa”, acolhia dezenas de travestis e mulheres transgêneros que buscavam moradia, alimento ou outros cuidados, como documentação e instruções às profissionais do sexo. Com sua militância social, Luana Muniz conquistou o respeito da comunidade da Lapa. Além do trabalho como profissional do sexo, Luana era artista, performance e atuou em várias peças teatrais e filmes. Sua performatividade subversiva contribuiu com a desnaturalização da matriz binária e hierárquica de Gênero. Na próxima seção, analisamos como Luana Muniz foi incluída e como foi representada nas práticas midiáticas digitais brasileiras.

3. Análises e explicações: o corpo/discurso transvestigêneros de Luana Muniz

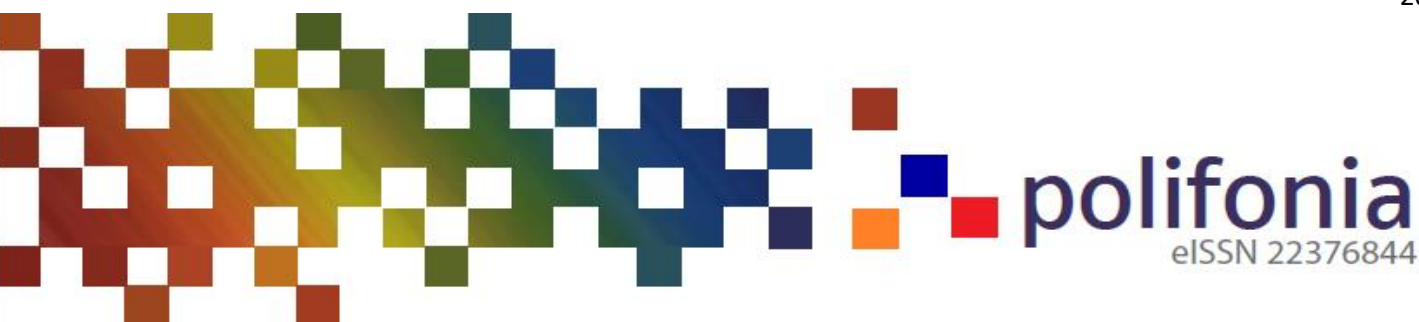
No primeiro momento, ao organizar os textos em uma ordem cronológica de publicação em ambiente digital, constatamos que a prática midiática *Extra*, do grupo Globo, foi o primeiro veículo midiático a publicizar a relação social de Luana Muniz com pe. Fábio de Melo, a partir do encontro ocorrido no aniversário de Alcione, com base na pregação do sacerdote. Os textos foram agrupados em dois grupos:

Grupo 1 - textos publicados antes da participação do pe. Fábio no programa de entretenimento *Eliana*, exibido, na época, aos domingos no canal televisivo aberto SBT;

Grupo 2 - textos publicados depois da participação do pe. Fábio no programa de entretenimento *Eliana*.

Adotamos essa divisão, pois percebemos, em uma primeira leitura dos textos, uma mudança discursiva nas representações sociodiscursivas. Após a leitura dos textos, observamos algumas recorrências significativas. No Grupo 1, percebemos uma predominância de circunstâncias (cf. Sistema de Transitividade: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) – grupos adverbiais ou grupos preposicionais – como elemento inicial nos textos. Como pontuam Fuzer e Cabral (2014, p. 53), as circunstâncias “acionam significados à oração pela descrição do contexto em que o processo se realiza”. As práticas midiáticas descreveram o encontro de Luana Muniz e pe. Fábio no aniversário de Alcione, na quadra da Mangueira, na Zona Norte do Rio, e o momento em que o sacerdote relata esse acontecimento por meio de uma pregação, em um evento religioso, televisionado, na comunidade Canção Nova.

Lapa – aqueduto em estilo romano, a Lapa é um dos principais pontos turísticos do Rio. O “Casarão Rosa” de Luana Muniz localizava-se em uma das movimentadas ruas do bairro: Rua Mem de Sá.



(1) O *carismático Padre Fábio de Melo* esteve no *aniversário da cantora Alcione, na quadra da Mangueira, Zona Norte do Rio*, quando recebeu um pedido de uma fã, a *travesti Luana Muniz*, para *tirar uma foto com ele. Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo*, admitiu um desconforto. (Varela Notícias, 11 dez. 2015. Grifo nosso).⁶

Foi recorrente, no *corpus*, essa descrição da circunstância dos eventos – o aniversário e a pregação – e o pedido de Luana Muniz – tirar uma fotografia com o sacerdote. A descrição dessas circunstâncias compõe a arena narrativa onde as várias ordens discursivas, intercruzadas, constroem as representações de Luana e de pe. Fábio. Nesse excerto (1), os epítetos são significativos nas representações dos agentes incluídos na narrativa:

- *carismático Padre Fábio de Melo*
- *cantora Alcione*
- *travesti Luana Muniz*

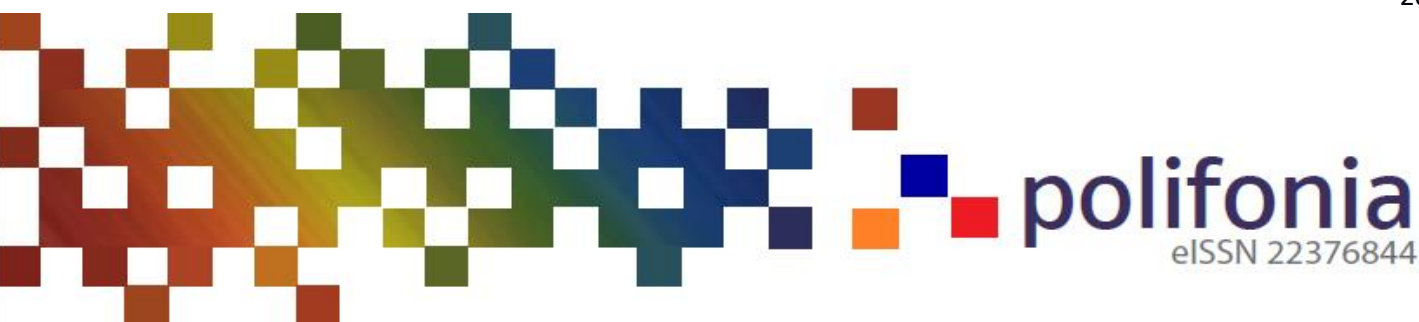
Pe. Fábio e Alcione são representados por meio do processo de funcionalização, com base em suas respectivas profissões – padre e cantora. Além da alta recorrência no *corpus* do léxico “travesti” referindo-se à relação funcional naturalizada travesti-prostituição, o paralelismo nos indica que o epíteto atribuído a Luana não faz referência à sua identidade de Gênero. A mídia *Varela Notícias* toma os léxicos “travesti” e “profissional do sexo” como sinônimos, confirmando a cristalização dessa relação na sociedade.

O discurso da pregação do pe. Fábio, gravada e compartilhada na plataforma *Youtube*, foi incorporada ao texto de dezesseis práticas midiáticas, do denominado Grupo 1. Ademais, essas práticas trouxeram a transcrição do conteúdo – parcial ou integral. O compartilhamento nesta plataforma de vídeos contribuiu para uma maior circulação do discurso do padre Fábio, servindo, inclusive, de fonte para a produção de outros textos.

Ao recontextualizar a narrativa de pe. Fábio, as práticas midiáticas, com exceção de *Bol Notícias*, *Correio da Amazônia* e *Gospel Prime*, representaram Luana reconhecendo sua identidade feminina. No corpo do texto, é referida, predominantemente, como “travesti”, “transexual” e, em uma ocorrência, “moça”:

- (2) [...] durante o pouco tempo em que esteve presente na festa, notou *uma transexual* olhando para ele. (O Dia, 10 dez. 2015. Grifo nosso)
- (3) *A travesti*, segundo relato, o abordou e perguntou se ele costumava tirar fotos com pecadoras. (Veja, 11 dez. 2015. Grifo nosso)
- (4) [...] ele relatou que *a moça* estava olhando para ele. (Huff Post, 10 dez. 2015. Grifo nosso)

⁶ Os fragmentos analisados são identificados pelo nome da prática midiática e a data de publicação em ambiente digital. A íntegra dos textos pode ser conferida em LIMA (2019a, p. 128-187).



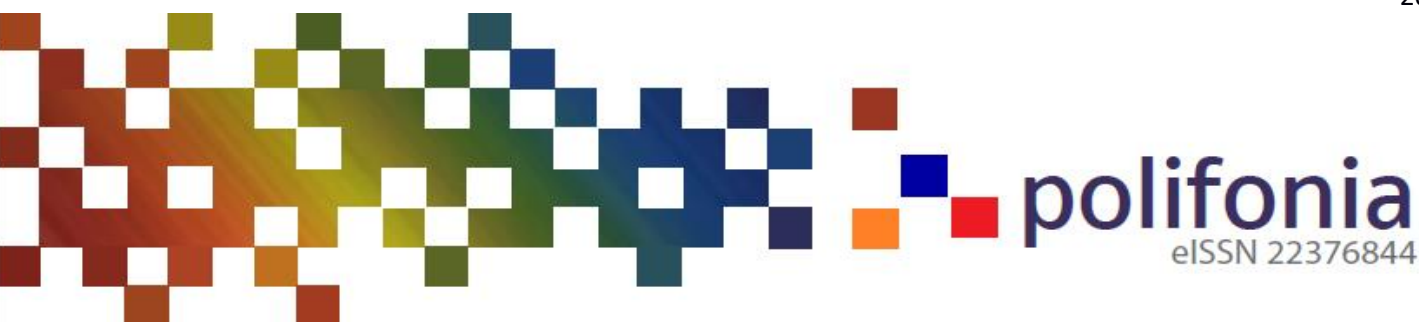
Das práticas midiáticas observadas, apenas sete comentaram o fato de pe. Fábio tratar Luana Muniz no gênero masculino durante a pregação:

- (5) [...] *só faltou o padre respeitar a identidade de gênero* de Luana e tratá-la como “a” travesti e não como rapaz, né? (NLucon, 10 dez. 2015. Grifo nosso).
- (6) Nas redes sociais, algumas postagens chamaram atenção para *certo “vícios”* apresentados por Fábio de Melo em seu relato, como *o chamamento de Luana no masculino*, ignorando a identidade de gênero da travesti. (O Sul, 11 dez. 2015. Grifo nosso).
- (7) Embora o padre tenha se sensibilizado com a história de vida da travesti, *tratou Luana Muniz, que se identifica com o gênero feminino, pelo pronome masculino*. (Catraca Livre, 11 dez. 2015. Grifo nosso).

Na análise dos textos, notamos que as práticas midiáticas *Diário On-line*, *Visão Ampla Notícias da Bahia*, *Jornal A Tribuna* e *Nossa Senhora Cuida de Mim* produziram seu conteúdo a partir do texto inicial publicado pelo *Extra*. Contudo, somente o *Diário On-line* traz essa informação. Apesar de os textos serem semelhantes, mantivemos no *corpus*, pois percebemos que, mesmo em um processo de circulação, em que o texto seja reproduzido, quase na íntegra, há uma recontextualização que permite perceber discursos particulares e posicionamentos e investimentos ideológicos de cada prática midiática. Por exemplo, a *Visão Ampla Notícias* não inclui em seu texto que a identidade de Gênero de Luana Muniz foi desrespeitada por pe. Fábio de Melo. A prática midiática em questão recontextualiza tratando Luana no feminino, entretanto, um indivíduo que tenha consumido a narrativa somente nesta prática, não teria conhecimento da postura, inicial, preconceituosa do sacerdote. Fatores como a expressão feminina, marcada pelo vestido longo associado à expressão de feminilidades e o nome próprio “Luana” já seriam suficientes, naquele contexto, para um reconhecimento da forma de tratamento de Gênero desejada pela travesti. Conforme aponta o filósofo e ativista transgênero Preciado (2014), as roupas, por vezes consideradas “de homem” e/ou “de mulher”, são aparatos tecnológicos que atuam no processo de incorporação prostética, produzindo uma tecnologia do sexo e do gênero como matéria física na própria materialidade do corpo.

Já o *Diário On-line* e o *Jornal A Tribuna* encerram os textos informando que, apesar das ações sociais de Luana terem sensibilizado o padre, a travesti não teve sua performance feminina reconhecida. Por fim, *Nossa Senhora Cuida de Mim*, de viés católico, após reproduzir o enunciado que encerra os textos das duas práticas anteriormente citadas, inclui mais uma informação, conforme excerto a seguir:

- (8) O depoimento também emocionou a travesti, que *só ficou chateada* porque gostaria de ser tratada no feminino. *Mas* o Padre Fábio de Melo pelo twitter se *desculpou* em sua fala: “@ quanto ao gênero, errei na linguagem, mas não na intenção. Obrigado pelo carinho.” (*Nossa Senhora Cuida de Mim*, 12 dez. 2015. Grifo nosso).



A prática midiática *Nossa Senhora Cuida de Mim*, ao usar o operador argumentativo “mas”, dá proeminência ao argumento que contrapõe – o reconhecimento do tratamento inadequado em relação à Luana Muniz. Novamente, há uma ênfase positiva na representação de pe. Fábio de Melo. O emprego do “só” também contribui para amenizar a transfobia do sacerdote expressada, linguisticamente, na pregação proferida na Canção Nova. Além da negação da identidade feminina de Luana Muniz – evidenciada ao usar o substantivo “pecadora” marcado no feminino e ao apresentar-se com uma expressão de Gênero feminina – , cabe iterar que o sacerdote construiu uma narrativa baseada em atos de insulto e atos de riso. Logo, a transfobia não foi expressa apenas nos usos de determinantes e pronomes no masculino.

Apesar do discurso de pe. Fábio, foi possível perceber uma mudança discursiva significativa no reconhecimento da identidade feminina de Luana na recontextualização discursiva por parte das práticas midiáticas. Somente três práticas midiáticas recontextualizaram a pregação de pe. Fábio iterando o não reconhecimento de Luana Muniz como uma feminilidade – *Bol Notícias*, *Correio da Amazônia* e *Gospel Prime* (T024):

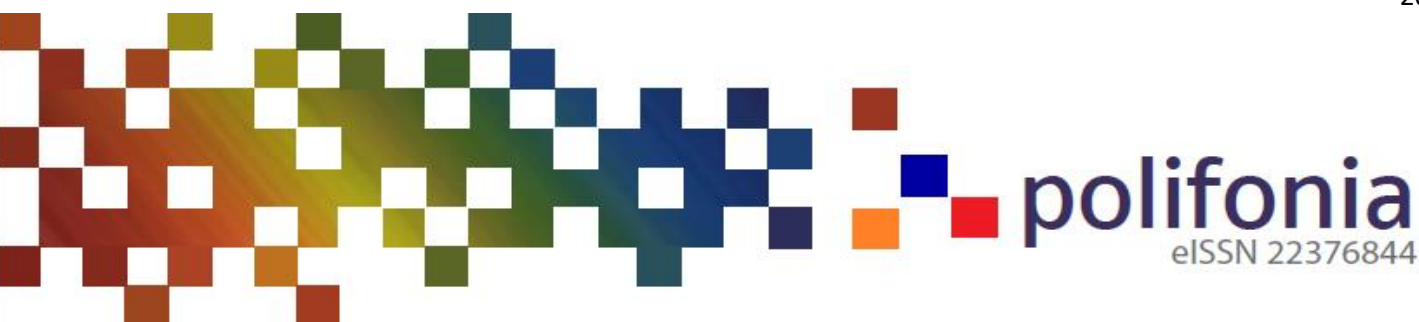
(9) [...] o sacerdote contou que ficou constrangido ao tirar uma foto *com travesti* [...] disse ao padre Fábio de Melo que *ele* pratica caridade com moradores de rua na Lapa, no Centro do Rio. (*Bol Notícias*, 11 dez. 2015. Grifo nosso).

(10) [...] quando percebeu *um travesti* se aproximando [...] a pessoa em questão é Luana Muniz, *um travesti conhecido* no Rio de Janeiro [...]. (*Correio da Amazônia*, 11 dez. 2015. Grifo nosso).

(11) Antes de sair, *o travesti* disse: “eu não acredito que o senhor permitiu”. [...] *o travesti Luana* criou um grupo que alimenta e recolhe mendigos que vivem no centro do Rio (*Gospel Prime*, 14 dez. 2015. Grifo nosso).

A prática midiática *Gospel Prime* (T024), segundo informações do próprio endereço eletrônico, é um portal de viés protestante que tem “o objetivo de informar aos interessados, tudo o que acontece no universo evangélico, independentemente da denominação. [...] Para tanto, somos imparciais na publicação de notícias referente ao mundo cristão, sejam elas boas ou ruins”⁷. O não reconhecimento da performance feminina de Luana indica o viés ideológico dessa prática sociodiscursiva que representa as Instituições Protestantes mais tradicionais e conservadoras. O discurso religioso protestante de referência condena a sexualidade homoafetiva e não reconhece as identidades de gênero transvestigêneres, baseando-se nos discursos bíblicos da criação do homem e da mulher e em discursos biologizantes que definem o gênero, exclusivamente, a partir da genitália.

⁷ Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 26 fev. 2019.



Ainda sobre a representação de Luana, a prática midiática *O Foco TV* refere-se a Luana como uma “personalidade”. Também o pe. Fábio é definido como um “padre-celebridade”. Contudo, entendemos que esses dois agentes ocupam status diferentes de celebridade.

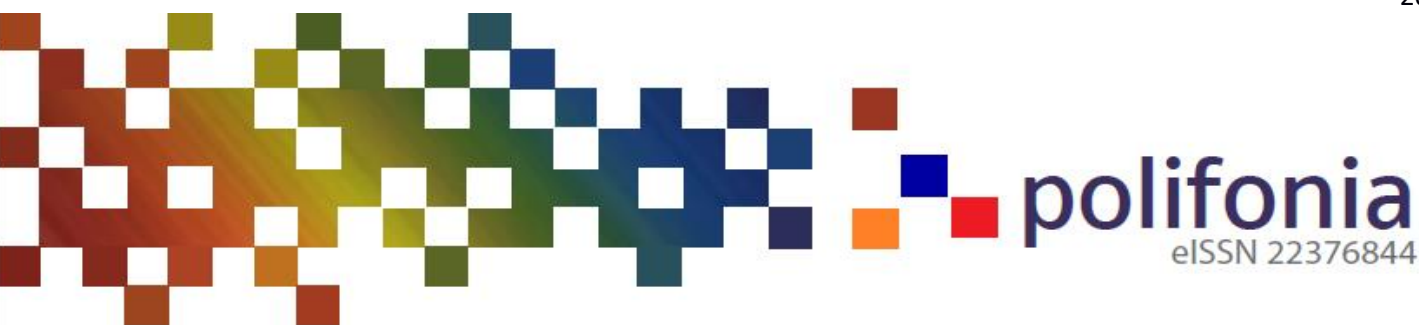
(12) [...] houve um certo medo da *personalidade* [Luana Muniz] pedir para tirar uma foto com ele. (*O Foco Tv*, 10 dez. 2015. Grifo nosso).

(13) O desabafo do *padre-celebridade* emocionou internautas e virou assunto nas redes sociais. (*Huff Post*, 10 dez. 2015. Grifo nosso).

Segundo Lana (2014), as celebridades são definidas por serem “pessoas extraordinárias, que merecem a atenção de todos, que alcançam o sucesso e são reconhecidas” (LANA, 2014, p. 185). Essas celebridades ocupam um espaço elevado do “visível social”, em que podem ser vistas e fazem ver modelos de atuação. Outro estudioso da visibilidade e da construção de celebridades, Rojek (2008), a partir de uma perspectiva subjetiva da construção da fama, aponta três status de celebridade: a conferida, a adquirida e a atribuída: “A celebridade conferida tem relação com linhagem: o status decorre da linha de sangue. [...] Em contraste, a celebridade adquirida deriva de realizações do indivíduo observadas em competições abertas” (ROJEK, 2008, p. 20). Essas celebridades que apresentam esse segundo status seriam reconhecidas, de acordo com esse autor, como os sujeitos que possuem talentos ou habilidades raras. Já a celebridade atribuída resultaria de uma constante representação de um indivíduo como digno de nota, não necessariamente exclusiva de um trabalho significativo, um talento ou habilidade especial. Esse tipo de celebridade emerge no contexto contemporâneo e são, geralmente, construções midiáticas.

Luana Muniz passa a ocupar o espaço no “visível social”, de fato, ao participar do programa jornalístico *Profissão Repórter*, do canal televisivo Rede Globo. Antes desse momento, Luana protagonizou a exposição *Luana Muniz – A Rainha da Noite* (2009), trabalho do fotógrafo Pedro Stephan que integrou o evento FotoRio2009. Luana participou, também, da exposição *Mem de Sá, 100* (2012), da artista Ana Carolina Fernandes. Nesses dois momentos de visibilidade, Luana Muniz é apresentada, a priori, pela sua identidade travesti e pelo seu trabalho como profissional do sexo. Contudo, esses eventos não proporcionaram a Luana Muniz uma visibilidade em âmbito nacional.

Das práticas midiáticas analisadas nesta pesquisa, quatro representam Luana retomando sua participação no programa *Profissão Repórter* e colocando em proeminência o bordão “Travesti não é bagunça”. No episódio transmitido em rede nacional, no dia 25 de maior de 2010, Cacos Barcelos e sua equipe abordou a prostituição de mulheres não trans e transvestigêneres.



(14) Luana Muniz [...] que *ficou famoso*, em rede nacional, por criar o bordão “*Travesti não é bagunça*”, externado pela primeira vez no programa “*Profissão Repórter*”, da Rede Globo. (Correio da Amazônia, 11 dez. 2015. Grifo nosso).

(15) Ela que ficou *conhecida em todo o Brasil pelo meme “tá pensando que travesti é bagunça?”* – *extraído de um Profissão Repórter (Globo) em 2010* [...]. (Correio Braziliense, 11 dez. 2015. Grifo nosso).

(16) [...] Luana – *conhecida pelo bordão “travesti não é bagunça”, da matéria do jornalístico Profissão Repórter, da Globo.* (NLucon, 10 dez. 2015. Grifo nosso)

(17) É dela o bordão “travesti não é bagunça”, da matéria exibida pelo “Profissão Repórter” da Globo. (O Dia, 10 dez. 2015. Grifo nosso).

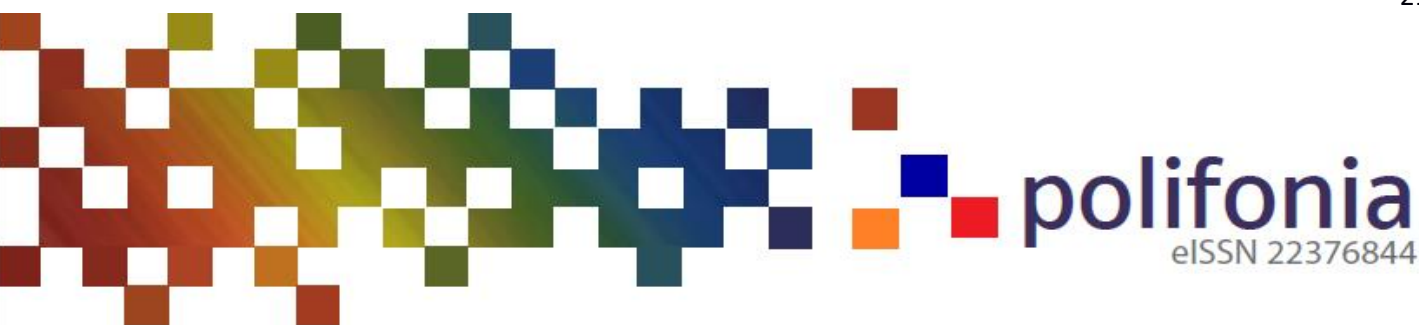
Por intermédio de Luana, influente na noite carioca, o repórter Felipe Suhre acompanhou a rotina de trabalho das travestis da Lapa por uma semana. Logo no início da reportagem, ao discutir com um transeunte que lhe fotografava sem permissão, Luana grita o enunciado que se tornará um dos bordões mais conhecidos do país: “Tá pensando que travesti é bagunça?”.

Na mesma reportagem, Luana aborda um potencial cliente. Após aceitar o programa sexual, em determinado momento, as câmeras flagram a profissional do sexo agredindo o homem. Pelas filmagens, para nós, telespectadores, não é possível compreender claramente o que motivou a agressão. No documentário *Travesti não é bagunça* (2017), Luana explica o que motivou o acontecimento: “Dei uma porrada em um homem para me defender de um preconceito, de uma agressão verbal. Emocional e verbal. Porque ele nem me agrediu fisicamente. Eu que, acidentalmente, agredi ele fisicamente para me defender”⁸.

Em nossas análises, constatamos que somente uma prática midiática – *Ego* – publicizou a participação de Luana no programa *Profissão Repórter*, com a manchete: “Após matéria no “Profissão Repórter”, travesti posa com fãs e dá autógrafos”. Entretanto, a referência a esse episódio em textos que representam Luana Muniz, torna esse momento discurso importante para compreender suas representações nas práticas midiáticas. Além disso, seu bordão “Tá pensando que travesti é bagunça” viralizou nos circuitos midiáticos digitais e até hoje circula nas redes sociais por meio do gênero *Meme*.

Se o capital de visibilidade de Luana Muniz, nesse primeiro momento, é fruto de discursos particulares que associam identidades travestis à agressividade – episódio do *Profissão Repórter* – e à caricatura do feminino – narrativa de pe. Fábio –, a visibilidade de pe. Fábio é alimentada pelo seu trabalho como padre, cantor, escritor, conselheiro, apresentador de

⁸ Fala de Luana Muniz no documentário independente: *Travesti não é bagunça* (2017). Direção de Mateus Nietzsche e Alexandre Santoro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JwKaPWgH95M>. Acesso em: 2 nov. 2017



programa televisivo. Ademais, apenas o status de padre já lhe confere credibilidade, respeito e admiração.

Seguindo os pressupostos de Rojek (2008), a Fábio é conferido o status de celebridade adquirida, ou seja, seu rosto é associado à sua história, à sua função social e suas habilidades artísticas. Já Luana, mesmo trabalhando por quase quatro décadas com performances artísticas em vários cabarés do Brasil e de outros países, é sempre representada por acontecimentos pontuais, como sua participação no programa jornalístico ou a publicização da foto com o padre, por isso se caracteriza como celebridade atribuída.

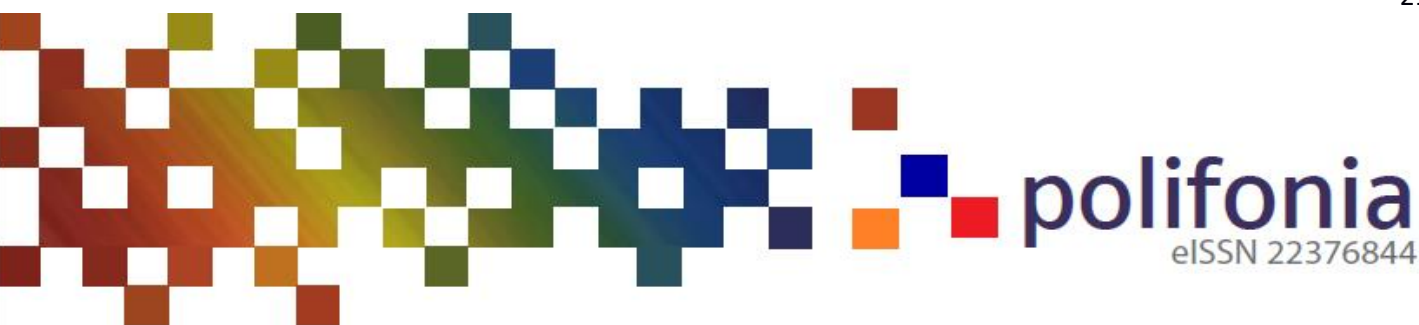
Do conjunto dos 30 textos analisados no grupo I, somente as práticas *Super Pride*, *Acessa.com* e *A coisa toda* representaram Luana Muniz sem incluir a relação social entre Luana e pe. Fábio em primeiro plano.

Super Pride representa Luana como a “Grande Diva do Humanismo” e traz dados biográficos da ativista carioca. O fato de ser profissional do sexo é tematizado no primeiro momento do texto – “com 43 anos de ‘calçada”. Além desse ofício, *Super Pride* – prática midiática ligada ao midiativismo LGBT – traz outras informações sobre Luana Muniz que não são citadas nas demais práticas midiáticas investigadas, como o início de sua carreira como atriz/performance no musical *Mimosa*, no teatro *Brigite Blair*, na década de 80 e seus títulos na noite carioca – “Rainha da Lapa”, “Mãe Luana” e “Nova Madame Satã”. O evento da foto com o padre Fábio de Melo também é aludido no texto, entretanto, não ganha proeminência frente à biografia da “Diva”.

Já a prática *Acessa.com* apresenta uma entrevista com Luana após ter sido coroada como Rainha do tradicional *The Gala Gay*. A partir do relato dessa prática midiática, podemos constatar a popularidade de Luana na região carioca:

(18) [...] era possível notar a popularidade de Luana, que posava para fotos dos fãs e turistas que ali passavam. (*Acessa.com*, 13 fev. 2016. Grifo nosso.)

Apresenta, também, dados biográficos de Luana Muniz e cita sua função como presidenta da Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro. Antes de trazer a entrevista, de fato, *Acessa.com* retoma dois momentos em que Luana ganhou notoriedade nas práticas midiáticas brasileira: a participação no programa *Profissão Repórter* e a foto com o pe. Fábio. Esses momentos são citados de forma pontual e não são tematizados na entrevista. Na ocasião, Luana fala sobre seu reconhecimento na Lapa e sua relação com as transvestigêneres da região. Comenta, também, sobre os 47 anos



na profissão de profissional do sexo, suas inspirações, seu processo de transformação e opina sobre o preconceito sofrido por transvestigêneres.

A terceira, e última, prática midiática a representar Luana Muniz sem dar proeminência ao encontro com padre Fábio de Melo foi *A Coisa Toda*. A matéria, publicada no dia 29 de janeiro de 2016, data definida como Dia da Visibilidade Trans, apresentou aos leitores dezessete transvestigêneres brasileiras. Luana é representada como “A Rainha da Lapa, a madame Satã contemporânea”:

(19) *Muito mais do que “a travesti que não é bagunça e tirou foto com um padre”, Luana é o nosso patrimônio cultural e humano. Com ela não existe injustiça. E contra a injustiça faz trabalhos incríveis pela região da Lapa como moradores de Rua, com as travestis e com as prostitutas. (A Coisa Toda, 28 jan. 2016. Grifo nosso).*

Mesmo não partindo da participação no programa *Profissão Repórter* ou da fotografia com pe. Fábio, esses dois eventos, nas práticas midiáticas digitais brasileiras, são sempre incluídos nas representações de Luana. Mesmo quando são citados, como no *A Coisa Toda*, para afirmar que Luana pode/deve ser representada de outras formas – seja pelo seu trabalho como profissional do sexo, seja pelas suas atuações em produções cinematográficas ou, ainda, pelo seu trabalho social realizado na região da Lapa.

O segundo grupo de textos circulou nas práticas midiáticas digitais brasileiras após a participação do pe. Fábio no programa *Eliana*, no dia vinte e seis de março de 2016. Constatamos uma mudança na forma como Luana Muniz é representada pelas práticas midiáticas. No primeiro grupo, verificamos que Luana é representada como:

- a travesti que posou em uma foto com pe. Fábio de Melo;
- a travesti do bordão “travesti não é bagunça”.

Já no grupo 2, após o nome de Luana ser materializado no texto, há uma predominância de um outro atributo, realçado por uma característica circunstancial de causa (por fazer trabalho social/comunitário, por inúmeros trabalhos sociais, por realizar trabalhos sociais).

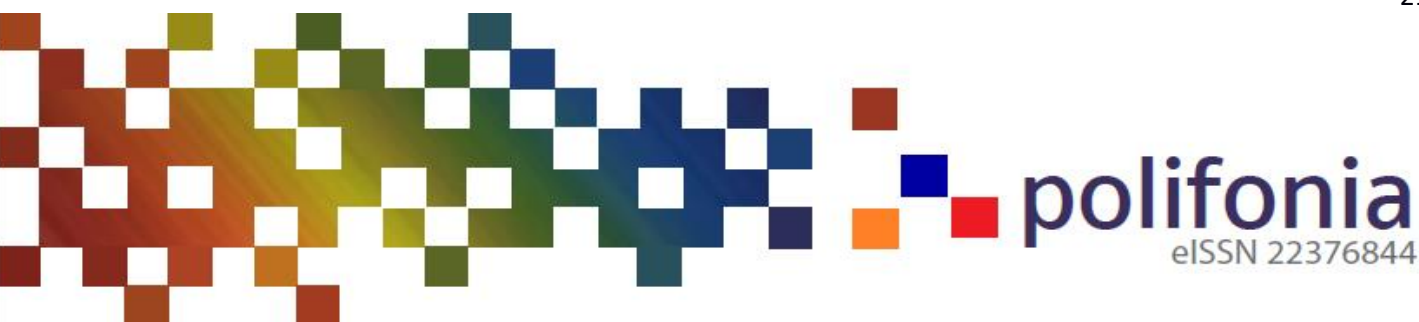
Luana Muniz:

(20) [...] travesti *conhecida por fazer trabalho social* no bairro. (Tv e Famosos, 27 mar. 2016. Grifo nosso).

(21) [...] travesti *conhecida por fazer trabalho social* no bairro da Lapa. (Blasting News, 27 mar. 2016. Grifo nosso).

(22) [...] *conhecida por inúmeros trabalhos sociais*. (Folha de Oeiras, 27 mar. 2016. Grifo nosso).

(23) [...] *conhecida por realizar trabalhos sociais*. (Jornal do Comercio, 28 mar. 2016. Grifo nosso).



- (24) [...] travesti *conhecida por fazer trabalho social* no bairro da Lapa. (97 News, 28 mar. 2016. Grifo nosso).
 (25) [...] *que auxilia pessoas com necessidades* na região da Lapa. (Portal 4, 28 mar. 2016. Grifo nosso).
 (26) [...] *conhecida por fazer trabalho comunitário* no bairro da Lapa (Bom Dia Feira, 29 mar. 2016. Grifo nosso).

Parece-nos que, para endossar a narrativa da justificativa por ter tirado uma foto com uma travesti, as práticas midiáticas optaram por um apagamento da representação por funcionalização – referência a uma ocupação ou função – em detrimento de uma construção por identificação por classificação: Luana Muniz faz trabalhos sociais, logo ela é uma pessoa boa. Consequentemente, digna de se aproximar do representante do sagrado – pe. Fábio. Essa inferência da representação de Luana como uma “pessoa boa” está alicerçada, sobretudo, pelo atributo da virtude “caridade”.

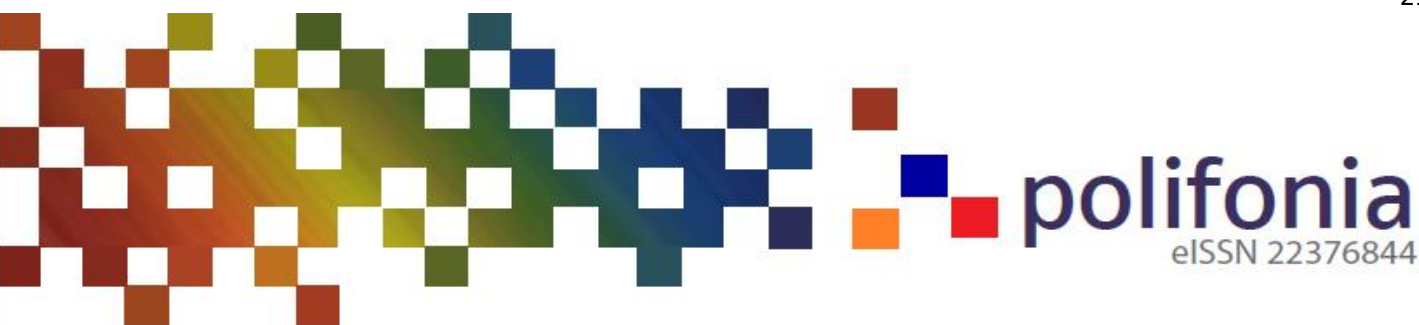
Além da mudança na forma de representação de Luana, outra recorrência foi o emprego dos léxicos “amigos” e “amizade”. As práticas midiáticas tematizaram a amizade entre Luana Muniz e pe. Fábio de Melo, após o encontro no aniversário da Alcione.

- (27) [...] ao lembrar do início da *amizade* com Luana Muniz (TV e Famosos, 27 mar. 2016. Grifo nosso).
 (28) [...] ao falar da *amizade*, para muitos, *inusitada*. O padre *confessou* que *é amigo de Luana Muniz* (Blasting News, 27 mar. 2016. Grifo nosso).
 (29) O padre Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz *estão amigos* [...]. (Diário Gaúcho, 30 mar. 2016. Grifo nosso).

As orações relacionais:

- O padre [...] *é* amigo de Luana Muniz.
- O padre Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz *estão* amigos.

retratam a relação social entre Luana e pe. Fábio de forma distinta. A escolha pelos processos relacionais “ser” ou “estar” produz efeitos discursivos significativos. Enquanto o processo “é” atribui à amizade um valor semântico de permanência, ao escolher o processo “estão”, o *Diário Gaúcho* atribui um valor de transitoriedade à relação. Além disso, o motivo da “amizade” ser tematizada nessas práticas midiáticas é materializado linguisticamente no *Blasting News*: “inusitada”. O processo verbal do dizer “confessou” indica, inclusive, uma culpa e a necessidade de desculpar-se, ou, pelo menos, justificar-se, com a comunidade da qual faz parte. O enunciado confessado, geralmente, diz respeito às práticas que não são vistas, moralmente, como algo bom. É a falha, o rompimento com o sagrado. Tornar-se amigo de uma travesti causa



uma fissura no discurso religioso. Ocasionalmente, inclusive, uma polarização entre os que apoiaram a amizade e os que criticaram a proximidade do sacerdote com Luana.

O incômodo que o evento da foto com o pe. Fábio causou em uma parcela da comunidade religiosa – Igreja Católica Apostólica Romana – foi incluído nas narrativas de forma recorrente, por meio de orações mentais de afeto: “não agradou”, “irritou”, “desagradou”, e orações verbais dialógicas: “gerou polêmica”, “criticaram”:

(30) A foto compartilhada nas redes sociais *não agradou aos católicos* e o próprio padre admitiu ter ficado “desconfortável”. (Tv e Famosos, 27 mar. 2016. Grifo nosso).

(31) À Eliana, o padre revelou que a *imagem irritou muitos católicos* e que a situação em si foi “desconfortável”. (Blasting News, 27 mar. 2016. Grifo nosso).

(32) A imagem, quando compartilhada nas redes sociais, *não teve recepção unânime e desagradou alguns setores mais conservadores da Igreja*. (Folha de Oeiras, 27 mar. 2016. Grifo nosso).

(33) A imagem foi compartilhada nas redes sociais e *não agradou a muitos seguidores do padre*. (97 News, 28 mar. 2016. Grifo nosso).

(34) Ele lembrou a foto dos dois que *gerou polêmica na internet e na Igreja Católica* [...] (Portal 4, 28 mar. 2016. Grifo nosso).

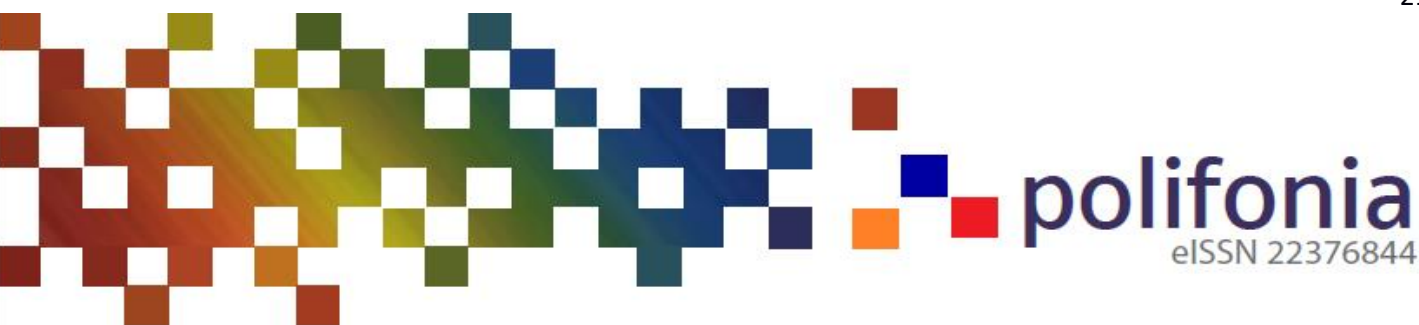
(35) O padre apareceu ao lado da travesti Luana. *Muitos católicos criticaram a atitude de Fábio*, alegando que *ele estaria “se rendendo ao mundo”*. (GCM Entretenimento, 28 mar. 2016. Grifo nosso).

Outra categoria adotada na investigação dos textos foi a intertextualidade, por meio da análise da inclusão/exclusão/articulação das vozes nos textos. Após a circulação da pregação nas práticas midiáticas, Luana Muniz foi entrevistada pelo jornal *Extra*. Entretanto, do grupo 1, com trinta práticas midiáticas, apenas sete práticas incluíram a voz de Luana Muniz no texto.

(36) Ao jornal *Extra* desta sexta-feira (11/12), Luana *contou* que o encontro emocionou os dois: “Eu e ele saímos emocionados do encontro. Admiro sua missão de passar fé e amor através da música. Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto de Natal das crianças carentes na Lapa”, *disse* à publicação.

“Minha religião é a das boas ações. Acredito no bem. Sei que *Fábio* comprou uma briga com essa foto, mas também é a atitude que dá visibilidade à causa LGBT. Saí de casa com 9 anos e meu pequeno patrimônio consegui através da prostituição. Não faço apologia, mas essa é a realidade da maioria de nós”, *explicitou* Luana, referindo-se às pessoas que ajuda. (Cena Pop, 11 dez. 2016. Grifo nosso).

Essas duas falas de Luana Muniz foram inseridas também nos textos do *Diário Online*, *Visão Ampla Notícias*, *Jornal A Tribuna*, *Nossa Senhora Cuida de Mim* e *Super Pride*. Os discursos de Luana são inseridos, predominantemente, pelos processos verbais neutros “dizer” e “contar” e por meio de discursos diretos. Como pontuam Resende e Ramalho (2016, p. 67), “a representação do discurso não é uma mera questão gramatical, ao contrário, é um processo ideológico cuja relevância deve ser considerada”. As práticas midiáticas, ao empregarem o



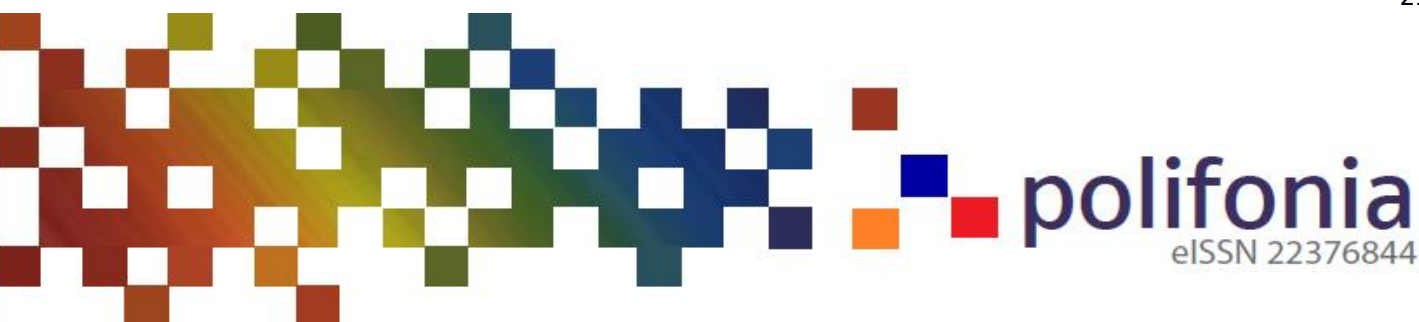
discurso direto, por meio das marcas de citação – aspas – apresentam um relato fiel das palavras proferidas por Luana.

Ao analisar esses discursos, encontramos uma recorrência única e significativa em todo o *corpus*: o léxico “Fábio” aparece desacompanhado dos léxicos “pe.” ou “padre”. O sacerdote é representado por Luana apenas pelo processo de nomeação. Ao fazer a opção pela nomeação sem indicar a profissão “padre/pe.”, há um esvaziamento de atributos, do título que por si só lhe confere credibilidade e proporciona capital de visibilidade. O discurso de Luana despe Fábio de tudo que o diferencia e o representa como um ser humano comum. Em entrevista concedida à prática midiática *Ego Globo*, Luana confirma essa relação social entre iguais:

(37) “Em um final de semana tirei 30 fotos com senhoras de paróquias. Muitas pessoas me procuram. Para mim foi algo comum. *Eu estava no camarote da Alcione, no aniversário dela e as pessoas estavam vendo que eu não era uma qualquer.* Observei o padre como observei outras personalidades que estavam ali como a *Maria Bethânia e a Fafá de Belém.* Foi um acaso, uma coisa de coincidência mesmo a irmã da Alcione *ter falado com o padre sobre o meu trabalho social e ele acabou se interessando pelo assunto.* Disse para ele que o que uma mão faz a outra não vê e o papo fluiu.”
 Você se arrepende de ter posado ao lado do Fábio de Melo? “Nas entrevistas dele, ele fala que eu não estava acreditando que ele estava tirando foto comigo. Sinceramente não me lembro de ter falado isso. *O meu maior ídolo na música é Barbara Streisand e se eu encontrasse iria ficar emocionada, mas não iria falar isso para ela. Se eu falei, não me lembro. E olha que eu não bebo, não fumo e não faço nada disso.*” (*Ego Globo*, 18 dez. 2015. Grifo nosso).

Luana insere pe. Fábio no grupo de pessoas que “estavam vendo que ela não era qualquer uma”. No primeiro momento, há a necessidade de a travesti se afirmar como digna de estar no mesmo espaço. Naquela circunstância – “no camarote de Alcione, no aniversário dela” –, os dois compartilhavam o atributo: “amigos de Alcione”. A ativista reconhece a visibilidade midiática do padre ao atribuir a ele o título de “personalidade” – assim como “Maria Betânia” e “Fafá de Belém” –, contudo, nega uma relação “ídolo-fã”: o sacerdote era observado da mesma forma que as demais celebridades. Ademais, indica também o motivo da aproximação entre os dois: “[...] o meu trabalho social e ele acabou se interessando pelo assunto”.

O enunciado que encerra o excerto (37) – “E olha que eu não bebo, não fumo e não faço nada disso” – confirma que Luana precisa desconstruir uma representação particular associada aos corpos travestis que vendem seus serviços como profissional do sexo: o uso de bebidas alcoólicas e drogas. Após retornar da Europa, Luana recuperou-se do vício nessas substâncias e sempre citava esse fato em suas entrevistas. No Casarão em que acolhia as travestis e mulheres transexuais era expressamente proibido o uso de drogas.



Em todo o corpus, somente uma prática midiática – *O Sul* – inclui no texto vozes que não sejam de Luana ou do pe. Fábio:

(38) Para Carlos Tufvesson, da Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio, repercussão da foto com a presença de Luana ao lado do padre é que choca. “Me espanta o furor causado pelo abraço de um padre numa travesti, porque a mensagem de Cristo, ao menos no catecismo que estudei, era amar ao próximo como Deus nos ama, e isso não exclui ninguém. Aliás, considero grave um sacerdote recusar acolher um filho de Deus em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero”, opina Tufvesson. (*O Sul*, 11 dez. 2015. Grifo nosso).

Ao inserir no texto uma voz de credibilidade, de um representante da Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual, ou seja, um discurso contra hegemônico, a prática midiática contribui para uma abertura no cenário de negociação da diferença (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999). Há um equilíbrio de forças entre a narrativa marcada pela ordem do discurso religioso, por parte do pe. Fábio de Melo, e o discurso das causas LGBTs, representada pelo representante da Coordenadoria. Contudo, Tufvesson ainda legitima o discurso religioso como norteador de práticas sociais ao trazer como argumento o próprio discurso da Instituição e suas práticas de instrução – “catecismo”.

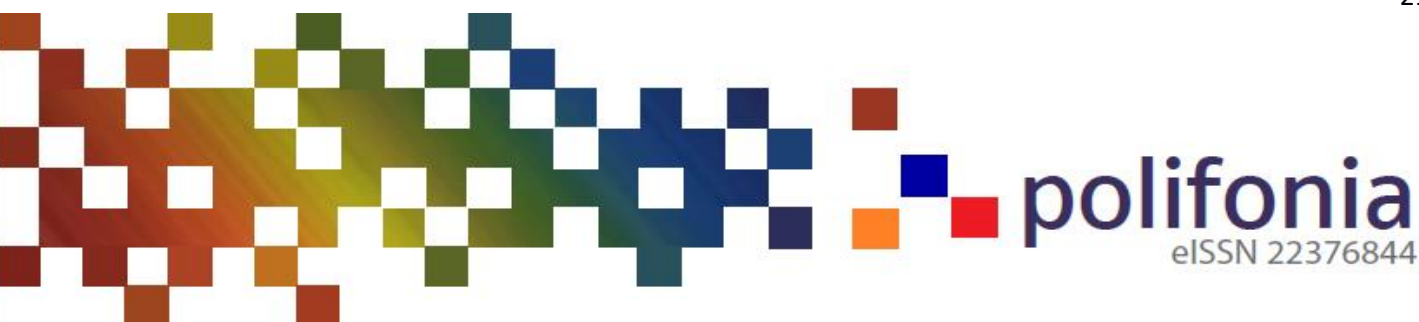
Já no grupo 2, textos publicados após a participação de pe. Fábio no programa *Eliana*, somente três práticas incluíram a voz de Luana Muniz – *Já é Notícia*, *Guará Notícias* e *Grande Rio FM*. Isso significa que somente práticas midiáticas regionais colocaram a voz de Luana em proeminência. Durante a participação do pe. Fábio, foi exibido um breve depoimento de Luana. Entretanto, somente a prática *Jornal do Commercio Online* faz referência a esse fato:

(39) *O depoimento da própria Luana no programa* levou o católico às lágrimas. (*Jornal Commercio Online*, 28 mar. 2016. Grifo nosso).

Apesar de citar a participação da travesti, a prática midiática não insere sua voz no texto. Essa escolha aponta para uma desvalorização da fala de Luana. Somente a voz de pe. Fábio é incluída no texto. Já a prática *Ariquemes* insere a voz de Luana por meio de uma paráfrase de pe. Fábio, como podemos observar no excerto (40):

(40) *E ela disse* ‘padre, o senhor não faz ideia do tanto de carolas, de beatas que vieram aqui querendo ajudar o nosso projeto’. (*Ariquemes*, 29 mar. 2018. Grifo nosso).

(41) “Dividimos a preocupação dele com a mãe, que estava doente e debilitada. Também passei por isso quando minha mãe teve câncer. Mas também falamos de coisas boas. Ele tem muito bom humor, é engraçado e prático”, *disse Luana* em entrevista ao jornal ‘Extra’, *garantindo que eles se falam por telefone*. (*Já é Notícia*, 30 mar. 2016. Grifo nosso).



(42) “Vamos organizar alguma coisa juntos, os três, para ajudar as pessoas”, afirmou Luana Muniz (Guará Notícias, 30 mar. 2016. Grifo nosso).

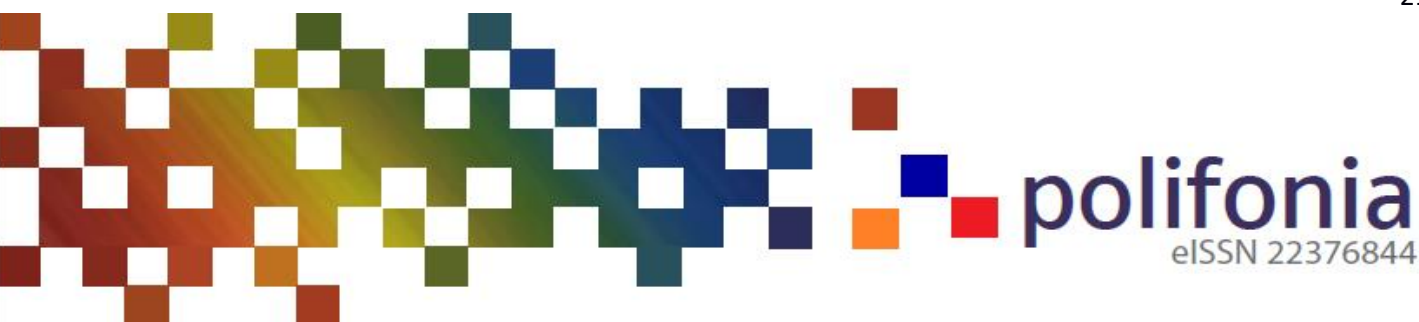
A voz de Luana é incluída por meio de paráfrase, na oração projetada do processo “disse”. O conteúdo do dizer é atribuído a ativista, entretanto, não há necessariamente uma reprodução exata de sua verbiagem. Fuzer e Cabral (2014, p. 75) apontam que o relato “é resultado de uma síntese do dizer de outrem a partir do entendimento manifestado pelo produtor do texto”. No processo de recontextualização, de um evento social e/ou de um discurso, o produtor escolhe o que deseja incluir/excluir em sua narrativa, o que salienta na estrutura temática e como articula essas informações.

No excerto (41), além de a voz de Luana ser incluída por um processo verbal neutro – “disse”, a prática *Já é notícia*, ao escolher o processo “garantindo”, coloca em xeque a veracidade da informação presente na oração intercalada “que eles se falam por telefone”. A prática midiática não confere credibilidade à voz de Luana. Ademais, essa informação representa a relação social de amizade entre Luana e o padre após o encontro no aniversário de Alcione.

4. Algumas reflexões

Apesar de, no contexto da Lapa, o nome de Luana estar associado aos trabalhos sociais, de militância e empoderamento de transvestigêneres, em um circuito midiático mais amplo e nas práticas midiáticas analisadas, Luana Muniz é representada como uma celebridade atribuída. O que é noticiado com proeminência é o fato de um representante do sagrado permitir uma fotografia com uma travesti, corpo marginalizado e produzido por discursos, inclusive religiosos, como abjeto, precário. Luana é representada a partir de discursos de polêmica e não com base em sua história ou como profissional do sexo ou por suas habilidades artísticas como atriz e performance nas noites cariocas.

Após a análise da inclusão/exclusão de vozes, podemos afirmar que a visibilidade, como “capital das celebridades”, não proporcionou voz à Luana Muniz. Apesar de ser tematizada, as práticas midiáticas, em sua maioria, não abriram espaço para que Luana discutisse suas pautas de luta ou mesmo apresentasse sua versão do evento com o pe. Fábio de Melo. Luana Muniz, construída como uma celebridade atribuída, embora tenha uma história que lhe permitia o tratamento de uma celebridade adquirida, ocupa o visível social nas práticas midiáticas por sua relação com pe. Fábio, ou seja, com o apagamento de sua agência, não recebe o mesmo status do sacerdote, assim como não lhe é garantida fala no espaço de visibilidade.



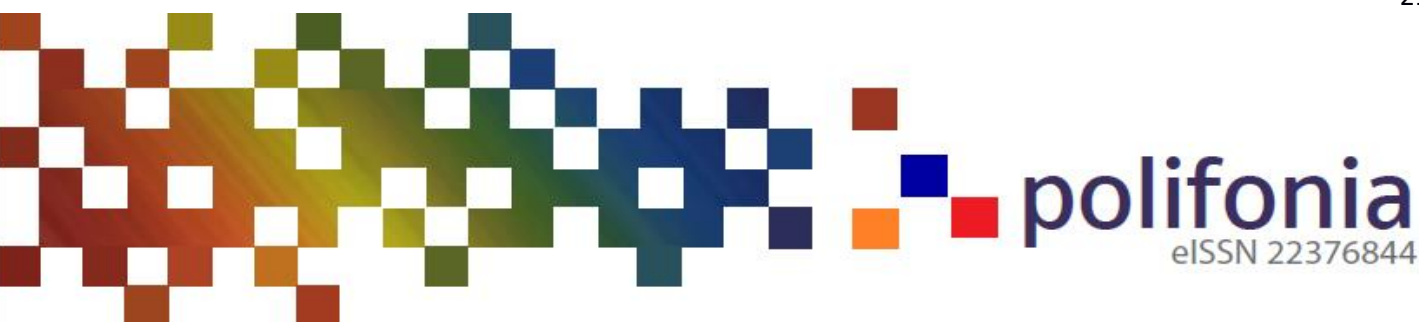
A problemática no apagamento da profissão de Luana Muniz está na associação cristalizada de profissional do sexo como amoral – o “pecado-luxúria” que se opõe à “virtude-caridade” no discurso religioso. A não inclusão da profissão de Luana, em oposição à de pe. Fábio que é constantemente iterada, já indica juízos de valor. Entendemos que ser profissional do sexo também constitui a identidade de Luana e que a marcação dessa profissão, sem juízos de valor, poderia contribuir, a partir da mudança discursiva, para uma mudança social de não marginalização e reconhecimento, com todos os direitos sociais garantidos, dessa profissão.

Entretanto, como aponta a ativista profissional do sexo transvestigênera Amara Moira (2018), “não há como organizar uma categoria de trabalhadoras quando a mera menção de sua atividade já faz com que as pessoas imediatamente a associem à violência e exploração de crianças e adolescentes”. Segundo a pesquisadora, para início da discussão sobre a desmarginalização da profissional do sexo, faz-se necessário diferenciar primeiro o que é trabalho do que é crime e criar condições mínimas para que as trabalhadoras se organizem e definam suas prioridades e demandas.

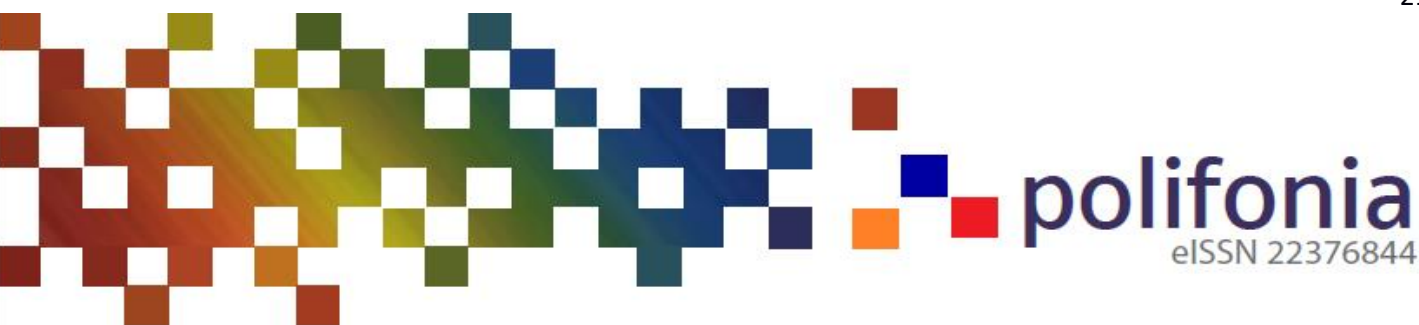
Lana (2014, p. 182) aponta que “as primeiras inserções das mulheres na mídia indicam que as desigualdades históricas de participação na vida pública não foram superadas pela nova possibilidade de presença feminina em público”. Se a essas mulheres foram destinados os espaços midiáticos do consumo e do ideal de beleza, ainda na contemporaneidade, às transvestigêneras foram reservados, quase que exclusivamente, os espaços da objetificação, da prostituição, do fetiche e, com grande recorrência, das notificações de mortes violentas.

REFERÊNCIAS

- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Natal: Garamond, 2006.
- _____. *O que é transexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 2. ed. 2008.
- _____. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- CHOUliARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. Tradução e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: inVersos, 2015.



- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Tradução de Izabel Magalhães (Coordenadora da Tradução). 2. ed. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 2016 [1992].
- _____. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
- GOMES, M. C. A. “Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada”: analisando as construções identitárias no discurso midiático. *Cadernos discursivos*, Catalão – GO, v.1, n. 1, p. 174-188, 2013. Disponível em: https://cadis_letras.catalao.ufg.br/up/595/o/Maria_Carmen_Aires_Gomes.pdf. Acesso em: 31 out. 2019.
- _____. Corpo em trânsito: Problematizando as Questões de Gênero em Narrativas Jornalísticas. *Gláuks: Revista de Letras*. v. 14, n.1. p. 1-17, 2014a. Disponível em: <http://www.revistaglauks.ufv.br/artigo/320>. Acesso em: 31 out. 2019.
- _____. O Corpo é Meu: Analisando narrativas jornalísticas e o desenquadre do gênero. *Agália*, Santiago de Compostela (Galiza), v. 110, p. 77-102, 2014b. Disponível em: <https://agalia.net/Agalia/110.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- _____. Estudo explanatório-crítico de narrativas jornalísticas e a problematização de gêneros. *Calidoscópico*, v.13, n.2, p.140-151, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/alidoscopio/article/view/cld.2015.132.01>. Acesso em: 31 out. 2019.
- _____. Identidades de gênero no movimento funk: um estudo explanatório crítico de notícias jornalísticas brasileiras. *Ilha do Desterro*, v. 69, n. 1, p. 183-200, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/39622>. Acesso em: 31 out. 2016.
- GOMES, R. A.; GOMES, M. C. A. O Discurso como Prática Social: “Valdemar Morreu! Eu Sou Valéria Vasques, a Bandida!” – a construção Identitária Transexual no Programa Zorra Total. *Revista Bagoas*, Porto Alegre, v. 9, n. 13, p. 377-399, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9663>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3ª ed. Londres: Arnold, 2004.
- LIMA, M. R. A Rainha da Lapa e o padre: uma análise discursivo-crítica das representações sociodiscursivas de Luana Muniz nas práticas midiáticas digitais brasileiras. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2019. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/26604>. Acesso em: 10 set. 2019a.
- _____. Análise discursiva da divulgação científica do conhecimento “transgeneridade” nas revistas *Mente & Cérebro* e *Galileu*. *Revista Forproll*. Diamantina, Vol. 03, n. 02, p. 42-59, jul/dez, 2019b.



- _____. A Rainha da Lapa e o padre – representações do corpo/discurso travesti na recontextualização do encontro de Luana Muniz com pe. Fábio de Melo. In: GOMES, M. C. A.; VIEIRA, V. C.; CARVALHO, A. B. *Práticas Sociais, Discurso, Gênero Social: Explanções Críticas Sobre a Vida Social*. Curitiba: Editora Appris, 2020a. p. 269-294.
- _____. “Não recomendado à sociedade”: análise discursiva crítica das representações do corpo/discurso transvestigênera de Luana Muniz nas práticas midiáticas jornalísticas. In: GOMES, M. C. A.; PIMENTA, P. F. *Representações discursivas de identidades de gênero em práticas sociais brasileiras*. Porto Alegre; Editora Fi, 2020b. p. 171-185.
- LIMA, M. R.; MACHADO, T. R.; GOMES, M. C. A. “Travesti Não é Bagunça”: Uma Análise Discursivo-Crítica das Representações de Luana Muniz nas Práticas Midiáticas Jornalísticas Digitais. *Gláuks*, Viçosa, v. 17, n. 01, p. 170-188, 2017. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/index.php/Glauks/article/view/9>. Acesso em: 27 set. 2019.
- LANA, L. As contradições da fama da periferia: a celebração de Tati Quebra-Barraco. In: FRANÇA, Vera et al. *Celebridades do século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 181-205.
- MAGALHÃES, I. Protagonismo da linguagem: textos como agentes. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 17, n. 4, p. 575-598, 2017.
- MOIRA, Amara. *Travesti ou mulher trans: tem diferença?*. Disponível em: <http://midianinja.org/amaramoira/travesti-ou-mulher-trans-tem-diferenca/>. Acesso em: 05 dez. 2019.
- PESSOA, D. “*Eu sou gente!*”: Representação dos (trans) gêneros em veículos midiáticos – caso Laerte Coutinho. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Março/2015.
- PRECIADO, [Paul] B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014 [2002].
- RIBEIRO, S. S. *Relatos de homens trans em práticas socioescolares do ensino Médio: um olhar analítico discursivo-etnográfico-crítico e Transformacional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2020a.
- _____. Análise discursiva crítica dos relatos de homens trans em práticas socioescolares de Viçosa-MG. In: GOMES, M. C. A.; PIMENTA, P. F. *Representações discursivas de identidades de gênero em práticas sociais brasileiras*. Porto Alegre; Editora Fi, 2020b. p. 207-225.
- ROJEK, C. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SOUZA, Daniela Márcia de. “*Mais que uma menina que se veste de menino*”: uma análise discursivo-crítica das representações de Tereza Brant. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2017.
- WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SP, v. 4, n. esp, p. 223-243, 2004.